

ANTÓNIO SÉRGIO – TÓPICOS DE UM PENSAMENTO ACTUAL

A Filosofia como esforço maximamente racional e autêntico em busca da compreensão da totalidade aparece-nos historicamente configurada em diversas perspectivas, dado que tanto se ocupa em procurar fundamentar exaustivamente o conhecimento humano, como considera tarefa essencial e prioritária, responder a questões que emergem da condição e situação humanas, interrogações urgentes em torno do valor e sentido da existência. Fundamentação do saber, visando a construção de uma sabedoria para a vida, a Filosofia assume-se como um pensar fundamental, existencial e activo onde se reconhecerá não apenas a dimensão vital da actividade gnosiológica, mas se anuncia, também, a sua própria vocação ética. Ora, nesta exigência primordial divisamos a linha de pensamento em que se integra a reflexão programática, ao mesmo tempo, rica e aberta, que António Sérgio, com grande coerência e mediante uma obra tão variada, nos legou numa trajectória teórico-prática de inspiração socrática num tempo português de noite e nevoeiro.

Todavia, não encontramos na reflexão filosófica sergiana os traços constituintes de um sistema filosófico, talvez porque o preocupou mais apelar para o novo modo de filosofar, talvez porque, como nos disse naquela nota final à *5ª Carta de Problemática*¹, terão sido os problemas resultantes do novo regime republicano que determinaram a sua aproximação a temas políticos, históricos, económicos, sociológicos e pedagógicos, todavia definiu-

¹ SÉRGIO, António, *Notas sobre Antero. Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, Lisboa, IN-CM, 2001, p. 371.

se suficientemente em matéria filosófica para que o possamos considerar, sem sombra de dúvida, como um filósofo, embora quase sempre mais propenso a suscitar problemáticas que a aprofundá-las. Não obstante, a sua contribuição filosófica não ter, para nós, a dimensão profunda decorrente da obra de Leonardo Coimbra ou de José Marinho e mesmo de Delfim Santos, há nela uma atitude estrutural que exemplarmente o distingue no pensamento português contemporâneo.

Podemos, então, perguntar-nos qual o significado e sentido da Filosofia, a par da sua utilidade a fim de justificarmos a actualidade e o valor do seu pensamento filosófico.

Desde muito cedo se destacam como que os postulados de índole gnosiológica e ética que o irão acompanhar na sua expressão filosófica – sempre fiel a uma perspectiva intelectualista da razão, aliás geradora de algumas insuficiências dada a sua relativa esterilidade e incapacidade em incorporar a complexidade da vida (Sérgio deveria ter meditado no essencial do pensamento rácio-vitalista de um seu contemporâneo, Ortega Y Gasset, cujo magistério intelectual, pretendeu, ao que pensamos, igualar em Portugal). De resto, esta fidelidade teimosa a um intelectualismo radical tê-lo-á levado a considerar sem interesse os contributos do bergsonismo, da fenomenologia e do existencialismo, encerrando-se num racionalismo hiperbólico e tendencialmente rígido, fechado ao aristotelismo, bem como em oposição ao empirismo, numa rejeição que, afinal, não ousou questionar; Sérgio, no entanto, no plano ético influenciado pelo Iluminismo, por Kant, bem como por Proudhon e também por Herculano e Antero de Quental legou-nos uma elevada concepção de humanismo racionalista aureolado de índole cristã, que ele próprio designou por “humanismo crítico”, base, talvez, não de um personalismo ético mas da sua ética socialista, dada a influência dos neo-kantianos de Marburgo.² Direi mesmo que aqui reside o carácter doutrinário e verdadeiramente reformador que encontramos na sua filosofia social e política largamente tributária do ideal socialista nela se evidenciando a sua preocupação sempre marcada por um optimismo humanista na capacidade do espirito para modelar a sociedade ao ritmo de ideais superiores, um esforço

² Cf. PATRÍCIO, Manuel Ferreira, “A Ética de António Sérgio”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Tomo XLVIII, fasc. 2, 1992, pp. 235-237.

constante, como escreveu, em prol da “reforma da mentalidade do nosso escol e da emancipação económica do nosso Povo”³.

Como entendia a Filosofia?

Em termos essenciais, Sérgio encara-a como reflexão em torno de questões gnosiológicas, embora em sintonia com “as esferas do pedagógico e do social (...) em nome do desenvolvimento do espírito criador (...) e do despertar do espírito crítico”⁴, caracterizando-a como “uma actividade espiritual de dilucidação das ideias (...) ginástica da reflexão sobre a ciência e essencialmente antidogmática”⁵ ou, como mais tarde sublinhará, (na carta 5) “(...) é uma reflexão sobre as actividades espirituais do homem, designando por ‘espiritual’ o pensar dessubjectivado, o pensar desindividualizado, o que tende pois para o absoluto (...) a filosofia é uma reflexão sobre a actividade da mente quando faz ciência – mas também sobre o seu dinamismo na acção moral, na atitude mística, na criação artística, no procedimento jurídico, etc.. Uma reflexão, em suma, sobre todas as actuações espirituais da psique, sobre todas as atitudes universalistas do intelecto, sobre todos os actos dessubjectivantes do eu”⁶. Nesta linha de pensamento se há-de compreender que este racionalismo sergiano é, essencialmente, um método⁷ visando claridade, coerência, análise crítica e rigor no processo do conhecimento e da compreensão de todas as actividades humanas, isto é, um caminho activo resultante do poder criador do intelecto em ordem a construir a inteligibilidade do real mediante “o único órgão adequado ou completo do conhecimento que é a razão”⁸. De algum modo, dir-se-á que estamos perante uma

³ Cf. “Diálogo à distância com António Sérgio”, in *Expoente*, nº.59, Outubro, S. Paulo, 1957.

⁴ CARRILHO, Manuel Maria., *o Saber e o Método*, Lisboa, IN-CM, 1982, p.69.

⁵ SÉRGIO, António, “Notas de Esclarecimento”, in *Obras Completas - Ensaíos*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, Tomo II, 1972, p.229.

⁶ SÉRGIO, António, *Notas sobre Antero. Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, Lisboa, IN-CM, 2001, p.367.

⁷ VILHENA, Vasco Magalhães, *António Sérgio e a Filosofia*, Lisboa, Edições Cosmos, 1960, p.10.

⁸ MARNOTO, Isabel, “António Sérgio: claridades e sombras”, in *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol.5, nº1, 1983, p.133.

⁹ BRANCO, J. Oliveira, *O Humanismo Crítico de António Sérgio*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1986, p.256.

razão “mitificada”⁹ cuja reiterada afirmação perdura ao longo da sua reflexão a tal ponto que se embora não perfila como uma atitude de dogmatismo patenteia, pelo menos, uma certa ausência de humildade autocrítica¹⁰, já que afirmar o valor da razão não tem necessariamente que implicar a não problematização dos seus limites¹¹. Sérgio imobilizou-se numa atitude de olímpico alheamento às correntes de pensamento que apareciam em seu redor, posição no mínimo questionável no que toca à própria proibidade intelectual em que sempre se quiz assumir. Autodefinindo-se como “afinador de intelectos” veemente promotor da absolutização da razão, Sérgio permaneceu voluntaristicamente cartesiano num tempo em que a superação do idealismo e do realismo clássicos constituía singularmente a matriz fecunda do horizonte filosófico da sua época, tendo, aliás, encontrado expressão portuguesa no pensar do seu contemporâneo Leonardo Coimbra. Porém, ao contrário do que poderia supor-se, nenhum acicate de rispidez intelectual me move, pois o que reconheço como decisivo no pensamento sergiano evidencia-se no muito alto propósito de equacionar questões numa “função homóloga à de Sócrates”¹² embora tenha caído “na armadilha de rotular rigidamente a sua posição”¹³.

Há, com efeito, um outro Sérgio que, sempre ao ritmo de uma inegável aristocracia de inteligência, irrompe fulgurante do seu pensamento social e político marcado pela aposta na perfectibilidade humana e no progresso, o que para nós constitui a melhor prova da sua actualidade e valor.

Com Sérgio partilhamos a profunda convicção de que “(...) a filosofia é a busca crítica dos princípios implícitos na acção científica, na acção moral”¹⁴. Neste contexto, na sua intervenção cultural, o pensamento sergiano, doutrinário e reformador, está vivo e confronta-se com o tempo presente, quer na sua proposta para um

⁹ CATROGA, Fernando, “Dialogar com António Sérgio – Nota introdutória”, in *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol. 5, n.º 1, 1983, p.11.

¹⁰ Ver MARINHO, José, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo.*, Porto, Lello & Irmão, 1976, p.172.

¹¹ SERRÃO, Joel, “António Sérgio”, in *Antologias Universais - Prosa Doutrinal de Autores Portugueses*, Lisboa, Portugália, 1967, p.XLVI.

¹² GODINHO, Vitorino Magalhães, “António Sérgio: presença no passado, presença no futuro”, in *Ensaio IV*, Lisboa, Sá da Costa, 1971, p.266.

¹³ SÉRGIO, António, *Notas sobre Antero. Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, Lisboa, IN-CM, 2001, carta 12ª, p.455.

humanismo ético, pela superação dos egoísmos em prol do bem comum, quer no aprofundamento dos ideais da Democracia. De facto, as suas preocupações éticas, inspiradas no legado espinozista e kantiano, como amiúde nos refere, revelam-se na convicção de que o primado do racional representa, tal como defendeu relativamente à questão do conhecimento, “o ponto de partida comum à investigação científica e à moral”¹⁵. Consistirá no que designa por “dever-ser racional”¹⁶ e que o anima na aspiração moral à assunção do Bem e da Justiça. Tentemos esclarecer, ainda que sucintamente, o sentido desta estrutura axial da sua reflexão, mormente de incidência ética e política. Ora, como Sérgio escreveu, “(...) vindo da espontaneidade primordial do intelecto”¹⁷ o dever-ser racional claramente afim do iluminismo, define o ideal humano mediante a autodisciplina da sua autonomia racional, reconhecendo-se assim o racionalismo ético em que se move o nosso Autor. Nada há de “profundamente original”¹⁸, como também nada há de dogmatismo em tal atitude pois, como é sabido, é da essência do racionalismo o seu pendor anti-dogmático, nele se reconhecendo tão-só a recusa de um naturalismo moral que conduz não a uma simples interpretação, mas a uma “idealização do mundo”¹⁹. Será que este “dever ser racional” não problematizará os seus limites? Dir-se-á plenamente imanentista o seu racionalismo ético e, por consequência, afirmando a auto-suficiência humana e o subjectivismo axiológico? Não poderá negar-se, com efeito, uma espécie de fé humanista na força do espírito para modelar a sociedade ao ritmo de um ideal, Sérgio aspira – e aqui em sintonia com Leonardo Coimbra²⁰ – a compreender a moralidade como uma “sociabilidade ideal”, todavia, emerge como uma das suas mais significativas preocupações uma certa ideia de responsabilidade.

¹⁵ SÉRGIO, António, “Migalhas de Filosofia, in *Obras Completas - Ensaios*, Lisboa, vol.VII, 1974, p.195.

¹⁶ Idem, ibidem.

¹⁷ SÉRGIO, António, *Confissões de um Cooperativista*, Lisboa, 1948.

¹⁸ LOURENÇO, Eduardo, “Sérgio como mito cultural”, in *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1978, p.179.

¹⁹ MESQUITA, António Pedro, Prefácio a SÉRGIO, António, *Notas sobre Antero. Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, Lisboa, IN-CM, 2001, p.41.

²⁰ Ver, PATRÍCIO, Manuel Ferreira, “A Ética de António Sérgio”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Tomo XLVIII, fasc. 2, 1992, p.214.

Como Sérgio afirma em *"Educação e Filosofia"*, "a consciência do eu (...) implica não só a consciência do não-eu, mas a consciência do outro-eu (...); e essa ideia do outro-eu não é um reflexo superficial, mas uma das tendências mais profundas, uma das determinações essenciais da actividade da nossa psique"²¹, por consequência, de acordo com os princípios racionais o seu humanismo é intrinsecamente aberto, intersubjectivo, necessariamente social, talvez individualista no ponto de partida, porém socializante na sua tendência "impersonalista". A este propósito reconhecemo-nos tributário do ponto de vista de Manuel F. Patrício quando escreveu que "Sérgio não é um personalista nem um individualista"²², mas alguém que, embora fiel ao racionalismo ético kantiano, "prolonga a máxima ética fundamental de Kant" ao transformá-la numa perspectiva ético-política de índole socialista²³, tal como nos é manifestamente evidenciada, por exemplo, nas admiráveis e luminosas "Cartas do Terceiro Homem"²⁴, justamente na linha do humanismo racional em ordem à criação de uma sociedade livre e justa que, aos olhos de Sérgio, somente se vislumbra como Democracia Cooperativa.

Ávido de rigor, a partir da sua circunstância, como diria Ortega Y Gasset e movido por uma paixão prática, como escreveria Benedetto Croce, António Sérgio propôs-nos um filosofar que atingiria o seu ponto mais elevado numa transformação fundamental do pensamento e do carácter, numa "metanóia"²⁵ que necessariamente implicava uma pedagogia efectivamente assumida sem desfalecimento cujo horizonte foi um persistente combate contra todas as formas de alienação, "contra os Espectros da História em nome de um ideal de superior Justiça"²⁶ como escreveu. Ora, tal

²¹ SÉRGIO, António, "Educação e Filosofia", in *Obras Completas - Ensaios*, Lisboa, vol. I, 1971, p.149.

²² Ver, PATRÍCIO, Manuel Ferreira, "A Ética de António Sérgio", in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Tomo XLVIII, fasc. 2, 1992, p. 235.

²³ *Ibidem*, p.214.

²⁴ SÉRGIO, António, in *Obras Completas - Democracia*, Lisboa, Sá da Costa, 1974, pp. 125-371.

²⁵ CATROGA, Fernando, "Dialogar com António Sérgio – Nota introdutória", in *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol.5, nº1, 1983, p. 13.

²⁶ SÉRGIO, António, *Obras Completas - Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal*, Lisboa, Sá da Costa, 1973, p. 19.

imperativo foi para Sérgio a expressão de uma demopaideia de inspiração proudhoniana para a concretização progressiva de uma sociedade racional, aberta à tolerância e à generosidade, efectiva harmonia entre o “socratismo ideal” e o “cristianismo ideal”, objectivo talvez utópico para alguns, porém, não ilusório se cada um de nós “no exercício de um pensar autêntico, no uso metódico de um cepticismo activo, na prática da elucidação dos problemas básicos”²⁷ assumir a vida como acção cívica, reconhecendo o outro como pessoa, e por consequência, participarmos na construção da civilização responsável e solidária que, pela lucidez da razão, cultive os “valores do espírito”, rumo à liberdade e à dignidade humana.

Estamos no essencial do pensar sergiano, a estas perspectivas se confinam as suas considerações pedagógicas, económicas e políticas, delas brota a actualidade da sua filosofia social que pensamos constituir o núcleo do seu magistério intelectual. De facto, se a sua visão gnosiológica é susceptível de ser encarada como deficiente sobretudo porque marcada por uma certa desvalorização da praxis como critério de verdade, cabe perguntar se não continuam hoje inteiramente válidas muitas das suas propostas que justificam mesmo a sua “presença no futuro”²⁸ dada, por exemplo, a tão almejada, porém ainda longínqua emancipação humana? Decerto que o seu idealismo epistemológico é unilateral e insustentável pelo seu imanentismo e talvez se impunha que Sérgio, o paladino da atitude crítica, sempre pronto a “escanhoar a razão alheia, mas não a sua”²⁹ se preocupasse em examinar a sua posição, como bem notaram os seus críticos, a começar por José Marinho. Todavia, importa destacar não o que está morto na sua reflexão filosófica, pois aquilo que mais o define, mormente para o tempo presente, é a face objectiva de um pensar ético-pedagógico-político que visa a plena realização social e cultural dos portugueses e, neste âmbito, pensamos inquestionável admirar não só o seu empenhamento persuasivo, mas a vertical posição e o mérito de um reformismo social que acentuou a prioridade da Ética Humanista para a libertação dos homens. Neste

²⁷ SÉRGIO, António, Prefácio à trad. de RUSSELL, Bertrand, *Os Problemas da Filosofia*, Coimbra, Arménio Amado, 1959, p. 6.

²⁸ GODINHO, Vitorino Magalhães, “António Sérgio: presença no passado, presença no futuro”, in *Ensaio IV*, Lisboa, Sá da Costa, 1971.

²⁹ CUNHA, Norberto, “Leonardo Coimbra perante a acrasia sergiana”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, 39(4), 1983, p.455.

sentido, a actualidade do melhor do seu pensamento traduz-se, em definitivo, nas propostas que remeteu para o elogio da democracia directa, de uma economia de cooperação e de uma pedagogia que cimente a liberdade do pensamento crítico – perspectivas imperativas para a hora que passa, pois são “um instinto de luz rompendo a treva”, como escreveu Antero num dos seus sonetos.

Luís de Araújo